

1 A entrevista foi realizada no dia 11 de setembro de 2025, na PUC-SP

As crianças nos museus: “ensinar sobre as coisas” Entrevista com Bernd Wagner¹

Children in Museums: ‘Teaching About Things’
Interview with Bernd Wagner

NORVAL BAITELLO JR.

orcid.org/0000-0001-7814-7633

Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo (PUC-SP)
São Paulo (SP). Brasil.

FÁBIO CYPRIANO

orcid.org/0000-0002-4878-1614

Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo (PUC-SP)
São Paulo (SP). Brasil.

**ISABELA GUIMARÃES
ANDRADE**

orcid.org/0009-0004-9519-1475

Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo (PUC-SP)
São Paulo (SP). Brasil.

**MAURÍCIO RIBEIRO
DA SILVA**

orcid.org/0000-0002-7152-2581

Universidade Paulista (Unip)
São Paulo (SP). Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

RESUMO:

A entrevista com o professor Bernd Wagner (Universidade de Leipzig) examina os fundamentos do ensino sobre coisas (Sachunterricht), campo de pesquisa da pedagogia alemã dedicado à compreensão da cultura material como mediadora de processos cognitivos e sociais. Conduzida pelos editores da *Revista GALÁXIA*, a conversa destaca a importância da experiência corporal e do contato direto com os objetos em museus, contrapondo-se à tendência de virtualização das práticas educativas. Ao discutir a dimensão simbólica dos objetos e sua função na formação infantil. Ao discutir a dimensão simbólica dos objetos e sua função na formação infantil, Wagner propõe uma leitura crítica do papel dos museus como espaços de aprendizagem, memória e cidadania. O diálogo também aborda questões decoloniais relacionadas ao patrimônio europeu e à restituição de bens culturais, apontando para novos modos de integração entre educação e museologia. Articulando conceitos como *boundary object* e *affordance*, o professor ressalta que os objetos do mundo material são portadores de sentido e podem ativar reflexões sobre pertencimento, sustentabilidade e diversidade cultural. A entrevista contribui para o debate interdisciplinar sobre educação, comunicação e cultura, reafirmando o potencial formativo da experiência sensível na constituição do sujeito contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE:

cultura material; museus; ensino de coisas; infância; pedagogia sensível; comunicação e educação.

ABSTRACT:

The interview with Professor Bernd Wagner (University of Leipzig) examines the foundations of teaching about things (Sachunterricht), a research field in German pedagogy dedicated to understanding material culture as a mediator of cognitive and social processes. Conducted by the editors of *Revista GALÁXIA*, the conversation highlights the importance of embodied experience and direct contact with objects in museums, countering the trend toward the virtualization of educational practices. By discussing the symbolic dimension of objects and their role in children's formation. By discussing the symbolic dimension of objects and their role in children's formation, Wagner proposes a critical reading of the role of museums as spaces of learning, memory, and citizenship. The dialogue also addresses decolonial issues related to European heritage and the restitution of cultural property, pointing to new modes of integration between education and museology. By articulating concepts such as *boundary object* and *affordance*, the professor emphasizes that objects in the material world are carriers of meaning and can activate reflections on belonging, sustainability, and cultural diversity. The interview contributes to the interdisciplinary debate on education, communication, and culture, reaffirming the formative potential of sensory experience in the constitution of the contemporary subject.

KEYWORDS:

material culture; museums; Sachunterricht; childhood; sensory pedagogy; communication and education.

QUEM É BERND WAGNER

Professor titular na Universidade de Leipzig, especialista em "Sachunterricht" (aulas sobre coisas), uma matéria obrigatória no ensino fundamental da maioria dos estados alemães, introduzida a partir dos anos 70, substituindo a chamada "Heimatkunde" (aulas sobre a pátria) que focava uma visão geográfica regional e historicista nacional. O novo enfoque passa a chamar a atenção para todos os objetos da cultura material como portadores de informações, de história, de sentidos e de impactos sobre a vida. O público-alvo de Wagner são crianças de 5 a 12 anos (pré-escola e ensino fundamental) que se defrontam com objetos expostos em museus para ter uma primeira introdução nas ciências sociais. Tais objetos materiais são usados para explicar e ilustrar "coisas imateriais", como relações sociais, constituição de hierarquias, poder, vida cotidiana, amizade, inclusão/exclusão social, comunicação. A estratégia das aulas consiste em mostrar "coisas", ensinar a lê-las e, a partir delas, entender os ambientes que se configuram no seu entorno. No lugar de jogos apenas virtuais, o contato físico com os objetos do mundo é colocado em primeiro plano. Bernd Wagner já trabalhou em parcerias com universidades italianas e francesas. Foi agraciado com o prêmio "Best Practice Award 2014" do Weltmuseumsverband ICOM-CECA pelo projeto "Frühe Sachbildung im Museum des Deutschen Historischen Museums" (Formação precoce em coisas do museu no Deutsches Historisches Museum). Suas áreas de pesquisa são "Processos de aprendizagem das coisas políticas e históricas, cultura material no ensino sobre coisas e formação precoce na educação sobre coisas.

B. Wagner tem participado na discussão internacional sobre a importância do estudo dos objetos em museus e sobre uma "educação voltada para as coisas", tendo publicado artigos importantes em livros e revistas em diversas línguas. Alguns destaques: (2017) "Historical learning processes in museums: Performative play stations for preschool children in the permanent exhibit", (*In: German History in Images and Testimonies at the German Historic Museum*. ICOM Education), (2023); "Aprendizaje político, histórico e intercultural con objetos culturales en museo: Political, historical and intercultural learning with cultural artifacts in museum" (*In: Museologia e Patrimônio – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – Unirio | MAST*; (2024) "Historical learning processes of primary school children in museum collections: Results of an Italian-German research project" (*In: Education Sciences & Society*, 1 (1), 2024.

GALÁXIA:

Seu trabalho com as crianças parece muito vinculado a uma vivência corporal no ambiente do museu. Aqui no Brasil, temos visto o crescimento do uso de exposições virtuais, chamadas de "imersivas", que apontam para o caminho contrário dessa experiência corporal. Gostaria que você falasse um pouco sobre o papel do corpo nesse processo de aprendizagem e sobre a vivência da história, do presente e do futuro, tendo a materialidade e a corporeidade como elemento central.

Bernd Wagner:

Nossa experiência nos museus na Alemanha mostra justamente essa tensão. Lá existem muitas atividades virtuais para crianças, mas elas acabam funcionando mais como uma sala de jogos do que como um espaço de aprendizado. Esses programas não explicam o essencial: que as crianças são herdeiras dessas coleções e que, em algum momento da vida, inclusive através dos impostos que pagam, ajudam a preservá-las. Por isso considero fundamental uma preparação nas escolas antes da visita, seguida de uma “pós-produção” também escolar, conectando os objetos do museu a temáticas atuais. Essa experiência pode ser vivida de modo performático e corporal, o que é muito mais relevante do que jogos virtuais. Não defendo uma eliminação total do digital, mas sim um uso complementar: os objetos digitalizados podem servir como memória, ajudando a relembrar a experiência vivida presencialmente. O ideal seria 90% de foco no contato corporal e antropológico no sentido de uma atividade pessoal, e apenas 10% virtual.

Esse debate se relaciona também com a polêmica do *Humboldt Forum*, reconstruído em um antigo castelo prussiano. Muitos dos objetos de coleções etnográficas expostas ali foram saqueados de países da África, Ásia e até do Brasil. Surge então a questão de como falar em uma perspectiva decolonial em um espaço tão imperial. Além das contradições arquitetônicas do próprio edifício, há também a pressão pela devolução de peças como os bronzes de Benin, por exemplo, aos seus países de origem. Para substituir esses objetos retirados da exposição foram colocados monitores virtuais, mas não é a mesma coisa.

Com as crianças é essencial discutir a quem pertencem esses objetos. No Museu Histórico, por exemplo, havia uma grande cruz vinda da África, usada como uma demarcação de fronteiras que, em algum momento, chegaram aos reis portugueses e depois à coleção prussiana. A quem pertencem? A Portugal? À Namíbia? Ou à Prússia? Essas questões podem ser trabalhadas a partir da cultura material, sem necessidade de longas explicações teóricas, permitindo que as próprias crianças reflitam.

Visitei recentemente a Pinacoteca, em São Paulo, e notei que também ali o material pedagógico trazia questões coloniais, mostrando representações europeias em contraste com afro-brasileiras. Este é um enfoque que diz respeito a representações no espaço público. Também na aula não se trata primordialmente de explicar e ensinar, justamente no museu. Antes de qualquer explicação, o museu deve oferecer uma experiência corporal e pessoal conectada à vida cotidiana da criança.

Esse ponto de vista se aproxima da noção alemã de *Sachunterricht* (ensino de coisas), desenvolvida a partir da didática de Wolfgang Klafki, que via o aprendizado não só como transmissão de conhecimento, mas como formação da personalidade (*Bildung*). Ele propôs uma abordagem multidisciplinar e multiperspectivista, quer dizer, desenvolver um olhar para os problemas a partir de diferentes disciplinas em substituição à antiga *Heimatkunde* (ensino da pátria), ainda muito presente nas escolas alemãs. O desafio é transformar o ensino em algo vivo, conectado ao mundo da criança, sem repetir apenas métodos tradicionais.

GALÁXIA:

Sua fala aponta para os objetos e sua importância na experiência corporal das crianças. Muitos museus, no entanto, estabelecem regras contrárias a isso: “não toque”, “não encoste”, “não se aproxime”. Ao mesmo tempo, essa experiência dá protagonismo à criança, que passa a ser ouvida a partir do momento em que experimenta o objeto. Tocar objetos é muito importante porque, geralmente, quando as crianças visitam um museu, não querem voltar? Você tratou do tema no seu artigo de 2022 “Body-related learning processes in museums”?

Bernd Wagner:

Isso já foi pesquisado: a frustração das crianças vem justamente da proibição de tocar. O desafio é criar, nos grandes museus, não apenas programas excepcionais, mas espaços permanentes para a visita infantil.

Na Inglaterra isso já está mais avançado, com coleções pensadas para crianças e não apenas para adultos. No *Museu Histórico de Berlim*, está sendo renovada toda a exposição e busca-se garantir que as crianças sejam reconhecidas como visitantes legítimos, não apenas como público secundário.

Alguns museus, como o *Reina Sofia* em Madri, criaram percursos especiais para crianças, mas penso que não basta limitar-se a programas pedagógicos específicos. É preciso integrar a criança como visitante da coleção. Isso se conecta à ideia da UNESCO sobre patrimônio imaterial. Penso que o imaterial está dentro do material e que as crianças podem descobrir isso por meio da experiência corporal e antropológica.

Nesse ponto, comparece o conceito de *boundary object* (objeto fronteira), desenvolvido nos anos 1980, mas pensado para adultos. Esses objetos funcionam como mediadores de comunicação entre pessoas diferentes. Para crianças ainda estamos desenvolvendo essa ideia. Talvez não seja um único objeto, mas um conjunto, uma “paisagem de objetos” que desperte a curiosidade e provoque ações — o que os ingleses chamam de “*affordance*”, ou seja, algo no objeto que convida à interação. Esse conceito pode ser adaptado às crianças, permitindo que elas criem relações próprias com os objetos.

GALÁXIA:

Qual é o papel de professores e coordenadores nessas experiências? Vocês fazem alguma preparação com eles antes das visitas? Como é o retorno dos professores? Eles são resistentes ou já lidam naturalmente com essas propostas?

Bernd Wagner:

Esse é um ponto muito interessante. O problema é que as crianças costumam reproduzir no museu a lógica da escola: querem repetir os jogos de pergunta e resposta, esperando que o adulto dê a resposta correta. Mas o museu deve ser outra coisa. Por isso, trabalhamos em primeiro com a equipe pedagógica do museu, mostrando como criar zonas de contato que estimulem a experiência e não apenas a transmissão de informações. Também desenvolvemos projetos com crianças de cinco anos.

É importante preparar tanto os educadores do museu quanto os professores das escolas, de modo que a visita tenha continuidade: preparação prévia, experiência no museu e atividades posteriores. Idealmente deve-se criar parcerias institucionais entre escolas e museus. Na Inglaterra há experiências nesse sentido, em que crianças voltam mais de uma vez, deixam contribuições pessoais e até produzem objetos que passam a fazer parte da exposição.

Essas parcerias permitem uma verdadeira formação cultural, conectando as crianças ao seu patrimônio de forma contínua e não apenas em visitas pontuais.

GALÁXIA:

Há um programa infantil na mídia alemã chamado “*Sendung mit der Maus*” (Programa com o Ratinho) que já existe há 50 anos. Ele é exibido no início da noite, no horário em que os pais estão preparando as crianças para dormir, e apresenta pequenos filmes explicando coisas concretas do mundo: do que é feita a pasta de dente ou como se produz o leite de aveia. Gostaria de saber como você vê esse tipo de iniciativa.

Bernd Wagner:

Acho esses programas muito positivos, porque explicam o mundo concreto. Mostram, por exemplo, como funciona o processo legislativo, algo que muitos adultos sequer entendem. Ensinar isso às crianças ajuda a conectar o aprendizado à vida real.

É importante mostrar a realidade concreta e não apenas “ideias idealizadas”, como acontece quando falamos em sustentabilidade apenas em termos cosméticos como, por exemplo, recolher lixo na escola sem enfrentar de fato as contradições do modo de vida. As crianças percebem essa incoerência.

Esses programas, ao lidar com temas simples como o trânsito ou a produção de alimentos, oferecem uma formação que é tanto infantil quanto política. Não podemos delegar tudo às crianças — como às vezes acontece na Alemanha quando se espera que elas sejam mais sustentáveis do que os próprios adultos.

Os adultos precisam dar o exemplo de um modo de vida mais sustentável. Tivemos, por exemplo, um projeto financiado pela União Europeia com universidades latino-americanas sobre desenvolvimento sustentável, que mostrou outras formas de pensar a sociedade, mais ligadas ao planejamento urbano e rural. É essencial ampliar esse ponto de vista e integrar diferentes experiências culturais no debate educativo.

REFERÊNCIAS

Klafki, W. **Studien zur Bildungstheorie und Didaktik**. Weinheim, Germany: Belz, 1967.

Wagner, Bernd. Kulturelle Bildung im Museum: Sprachhandeln in Lernumgebungen zu Sammlungsobjekten. In: Wulf, C., Scheunpflug, A., & Züchner, I. (Eds.), **Kulturelle Bildung**, Wiesbaden, Germany: Springer, 2021.

Wagner, Bernd & Chistolini, S. Historical learning processes of primary school children in museum collections: Results of an Italian-German research project. **Education Sciences & Society**, 1 (1), 2024, pp. 132–149.

Wagner, Bernd & Vieira, K. L. Aprendizaje político, histórico e intercultural con objetos culturales en museo: Political, historical and intercultural learning with cultural artifacts in museum. **Museologia e Patrimônio – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – Unirio | MAST**, 16(2), 2023, pp. 221–239. <https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n2>. 2023, p221-239

Wagner, Bernd. Body-related learning processes in museums. In: A. Kraus & C. Wulf (Eds.), **The Palgrave Handbook of Embodiment and Learning**, 2022, pp. 341–354. London, England: Palgrave Macmillan.

Wagner, Bernd. Historical learning processes in museums: Performative play stations for preschool children in the permanent exhibit. **German History in Images and Testimonies at the German Historic Museum. ICOM Education**, 27, 2017, pp. 109–129.

NORVAL BAITELLO JR.

é doutor em comunicação pela Freie Universität Berlin . Professor titular na pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Diretor do Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Foi diretor da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUC-SP, tendo criado os cursos de Comunicação e Artes do corpo e Comunicação em Multimeios. Foi professor convidado das Universidades de Viena, Sevilha, S. Petersburg, Autônoma de Barcelona e Évora. Possui especialização em terapia junguiana pelo Ijep. Livros mais recentes: *A serpente, a maçã e o holograma* (2010), *La era de la iconofagia* (Sevilha, 2008) , *Flussers völlerei* (a gula de flusser) (Köln, 2007), *O pensamento sentado. Sobre glúteos, cadeiras e imagens* (S. Leopoldo, 2012), *Emoção e imaginação* (org) (S. Paulo, 2014), *A era da iconofagia* (S. Paulo, 2014), *A carta, o abismo, o beijo* (S. Paulo, 2018) e *Sapientia - uma arqueologia de saberes esquecidos* (org) (S. Paulo 2018), *Existências penduradas. Selfies, retratos e outros penduricalhos* (S. Leopoldo 2019); *A fotografia e o verme* (S. Paulo, 2021); *Gesetztes denken. Gedankensprünge zu pobacken, stühlen und bildern* (Marburg, Alemanha, 2023). Editor-chefe da *Revista Galáxia* a partir de 2023. De 2007 a 2016 foi coordenador da área de Comunicação e Ciências da Informação (CHS-II) da FAPESP. Recebeu o prêmio "maturidade acadêmica" da Intercom em 2015.

norvalbaitellojr@gmail.com

Recebido em:

15/10/2025

Aprovado em:

08/03/2026

Disponibilidade de dados de pesquisa:

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

Editores responsáveis:

- Adriana Teixeira
- Fábio Fonseca de Castro
- Maurício Ribeiro da Silva
- Norval Baitello

FÁBIO CYPRIANO

É professor dos PPG em Comunicação e Semiótica (COS) e Artes e Práticas Culturais, ambos na PUC-SP. Possui livre docência em Comunicação e Artes pela PUC-SP, graduação em Comunicação Social - Jornalismo, mestrado e doutorado em COS, também pela PUC-SP, e pós-doutorado pela USP. É líder do Grupo de Pesquisa DOC_ARTE - Práticas Documentais e Arte e diretor da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC-SP.

cypriano@pucsp.br

ISABELA GUIMARÃES ANDRADE

é mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Diretora de Comunicação do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia – CISC e Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Nove de Julho.

isabelaguimrs@gmail.com

MAURÍCIO RIBEIRO DA SILVA

Doutor em comunicação e semiótica (PUC-SP) e arquiteto e urbanista (Escola de Engenharia de São Carlos - USP). Professor Titular e Coordenador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP-SP), membro do Grupo de Pesquisas em Mídia e Estudos do Imaginário e do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Realiza pesquisas na área de comunicação com foco nas Teorias da Imagem e do Imaginário. Presidente da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós) para o biênio 2019-2021. Foi Pró-Reitor Acadêmico (Centro Universitário Módulo - Caraguatatuba/SP), Diretor de Planejamento de Ensino (Centro Universitário de Maringá - Maringá/PR) e Assessor Especial da Pró-Reitoria de Extensão (Universidade Cruzeiro do Sul/SP). É autor do livro *Na Órbita do Imaginário: comunicação, imagem e os espaços da vida* (BlueCom, 2012) e organizador das obras *Mobilidade, Espacialidade e Alteridades* (Edufba, 2018), *CISC 20 Anos: comunicação, cultura e mídia* (BlueCom, 2012) e *O Espírito do Nosso Tempo* (Annablume, 2004)

silva.mrib@gmail.com

CONTRIBUIÇÕES DE CADA AUTOR:

Nesta entrevista, Norval Baitello Jr., Fabio Cypriano e Mauricio Ribeiro da Silva foram responsáveis pela formulação/definição de temas abordados e perguntas. Mauricio Ribeiro da Silva e Norval Baitello Jr. foram responsáveis pela revisão conceitual. Isabela Guimarães Andrade foi responsável pela gravação, transcrição e revisão.